

Mulheres e uso das TIC, algumas reflexões metodológicas¹

Graciela Natansohn²

Universidade Federal da Bahia-UFBA, Bahia, BA

Resumo

Apresentamos o marco teórico e metodológico de uma pesquisa dos usos das TIC com um enfoque sensível ao gênero, discutindo a relação entre o conceito de “apropriação social da tecnologia” e “saberes localizados”. As preocupações que norteiam esta pesquisa são as brechas (ou divisórias) digitais articuladas com as diferenças sexuais, com uma abordagem qualitativa que permita compreender o que as estatísticas e indicadores TIC por gênero não explicam, apenas apresentam.

Palavras-chave

Uso das TIC; apropriação da tecnologia; saberes localizados.

Introdução

Una política de la tecnología que promueva
la emancipación requiere algo más que
hardware y software; requiere *wetware*
– cuerpos, fluidos y agencia humana
*Judy Wajcman*³

A questão colocada neste texto diz respeito às tentativas de compreender a riqueza e complexidade das experiências que as pessoas vivenciam na sua relação com internet. Mais especificamente, este trabalho pretende trazer uma discussão preliminar sobre a pesquisa de usos das TIC com um enfoque sensível ao gênero. As preocupações que norteiam esta pesquisa são as brechas (ou divisórias) digitais articuladas com as diferenças sexuais, com uma abordagem qualitativa que permita explicar o que as estatísticas e indicadores TIC por gênero não explicam, apenas apresentam. Trazemos aqui uma discussão sobre o referencial teórico e a abordagem metodológica utilizada.

¹ Trabalho apresentado no GP Cibercultura, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora Doutora do PPG-COM, Universidade Federal da Bahia-UFBA. graciela71@gmail.com

³ Judy Wajcman, *El tecnofeminismo*. Madrid: Cátedra, 2006, p.120.

Segundo a TIC Domicílios (BRASIL, 2012) no Brasil há de 28,1 milhões de lares com computador. A proporção de indivíduos que já utilizaram um computador é de 59% dos homens e de 57% em mulheres e, segundo a mesma pesquisa, um dado revelador: o uso da internet com finalidade de lazer é mais comum entre os homens (88%) do que entre as mulheres (81%). Desde 2005, o acesso à internet por mulheres vem aumentando em ritmo mais acelerado que o acesso por homens. Apesar disso, o número de internautas do sexo masculino (46,9%) ainda é um pouco maior que o número de internautas do sexo feminino (46,1%), segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad) de 2011 (IBGE, 2011). As diferenças no acesso entre homens e mulheres parece, em termos numéricos, não ser um problema. Mulheres são maioria em algumas redes sociais⁴. Uma outra divisória digital, a de gênero, documentada em detalhe por Castaño (2008), está relacionada com habilidades necessárias para obter pleno letramento digital e continua a afetar mais as mulheres que os homens. Esta tem a ver com os usos (tanto em intensidade, quanto em variedade) e com as capacidades, habilidades e destrezas dos indivíduos em usar os computadores e internet. Os dados da pesquisa TIC Domicílio e Empresas realizada pelo Comitê Gestor da Internet (2011,p. 166) sobre o tipo de atividades realizadas no computador e na internet, por sexo, permite uma aproximação geral a nossa questão. Assistir e baixar filmes, baixar músicas, jogar e baixar jogos online, ver TV online e, enfim, em atividades de lazer, os homens levam amplas vantagens. Enfim, se fala de uma brecha digital de gênero (CASTAÑO, 2008; ALONSO, 2007; WACJMAN, 2006), em relação à hegemonia masculina nas áreas estratégicas de produção, formação, pesquisa, emprego e usos das TIC's.

No intuito de compreender a produção e reprodução dessas brechas, de capturar as dinâmicas pelas quais as hierarquias da diferença sexual afetam o desenho, o desenvolvimento, a difusão e, neste caso específico, a utilização das tecnologias, trazemos algumas reflexões teóricas e metodológicas a modo de resultados preliminares das pesquisas que viemos realizando desde 2010⁵. A partir das leituras, observações e dos diálogos com interlocutorxs, desenvolvidos em diferentes contextos institucionais e geográficos, trazemos alguns insight deste “*work in progress*”.

⁴ <http://www.publicitariossc.com/2014/06/mulheres-e-redes-sociais/>

⁵Projeto “Mulher e tecnologia. Teorias e práticas na cultura digital” (CNPQ) e Projeto “Apropriações tecnológicas de mídias digitais com perspectiva de gênero”. Com apoio de CAPES (Bolsa de Pós-doutorado 2012-2013 em UBA, Argentina). Do primeiro participaram também Karla Brunet, Mônica Paz e Estela Lage, da UFBA..

A proposta original pretendia obter uma compreensão ampla das dinâmicas da dialética inclusão/exclusão ao mundo digital. Aos poucos, outras perspectivas mais próximas da etnografia, e mais sensíveis às interseccionalidades em jogo vieram à tona, colocando em tensão alguns conceitos, prestando mais atenção às negociações em cena e menos, aos impactos possíveis.

O percurso desta pesquisa inicia-se em Salvador e continua em outros ambientes externos menos “controláveis” (em duas cidades argentinas, La Plata e Buenos Aires), e com outras abordagens metodológicas, mas sempre com o mesmo objetivo de apreender as formas pelas quais sujeitos e tecnologias singulares se encontram, se defrontam, se olham, se reconhecem, se aproximam, se estranham.

Na Bahia, começou num espaço de práticas em softwares básicos orientado a mulheres (onde também se desenvolveram práticas artísticas digitais⁶) criado propositalmente por nós como laboratório de ensino, pesquisa e extensão, o LabDebug da UFBA. LabDebug⁷ é o nome do laboratório de cultura digital da Faculdade de Comunicação da UFBA, fruto da pesquisa “Mulher e Tecnologia, teorias e práticas na cultura digital”. O Labdebug desenvolveu a sua atividade entre setembro de 2010 e julho de 2012, com oficinas de cultura digital com softwares livres, com foco principal no público feminino⁸. Nesse espaço coletamos depoimentos das participantes das oficinas, com questões como percepções, motivações, vivências, reflexões, saberes, dificuldades, fantasias e medos sobre internet, dando particular ênfase as formas generizadas de uso e consumo de TIC. Foram desenvolvidas oficinas de iniciação à cultura digital (edição de textos, uso de e-mail, softwares de edição de áudio, vídeo e foto, redes sociais, blogs) onde participaram mulheres trabalhadoras, organizadas ao redor do Sindicato dos Empregados Domésticos de Salvador e trabalhadoras da Feira de São Joaquim, um dos mercados populares mais tradicionais de Salvador. Outros públicos também participaram das oficinas, tais como jornalistas, funcionárias da UFBA e estudantes.

O outro espaço de escuta, em Argentina, foi o “Centro de Comunicación de Adultos Mayores”⁹, da Facultad de Periodismo y Comunicación Social da Universidad Nacional de

⁶ <https://www.flickr.com/photos/72151746@N04/sets/72157628431992665/>

⁷ <http://labdebug.net/labdebug/>

⁸ Nesse espaço aconteceram 21 oficinas para aprendizagem de softwares e hardwares, completando 206 horas de cursos, mais de 150 mulheres participantes e 16 horas de pequenos encontros (*open lab*). O laboratório foi coordenado por mim e pela professora Karla Brunet.

⁹ Adultos Mayores (adultos maiores em tradução livre) é o termo em língua espanhola que vem substituindo a expressão “ancianos” ou “tercera edad” (terceira idade) na Argentina, América Latina e Espanha. Trata-se de um núcleo de extensão integrado por docentes, alunos e pesquisadores que desde 2003 trabalham com adultos,

La Plata, Argentina. As interlocutoras foram contatadas com a colaboração da coordenadora e de docentes do curso e foram realizados dois eventos de entrevistas grupais, a modo de grupo focal.

Um terceiro grupo de interlocutoras foi constituído por sete mulheres argentinas, usuárias iniciantes de internet, adultas, participantes do “Curso Introducción a la Computación” do Centro Cultural Ricardo Rojas, área de extensão da Universidad Nacional de Buenos Aires¹⁰. Com elas tive conversas longas sobre o tema. Todos os depoimentos foram registrados em áudio. O critério de inclusão, em todos os contextos, foi o sexo, a idade (mulheres de mais de 40 anos) e o contato recente (um ano, no máximo) com internet em situação de aprendizagem dirigido. Enfim, trata-se de uma diversidade de mulheres cujas identidades (de classe, raciais, culturais e nacionais) e histórias de vida são diversas e, em certos aspectos, incomparáveis. Seus relatos são os responsáveis, em parte, de alguns dos impasses, dúvidas e questionamentos que aqui realizamos.

Esta investigação relaciona marcos teóricos diversos tais como os Estudos Culturales, as teorias feministas e os Estudos Sociais sobre Ciência e Tecnologia. Partimos da compreensão de que tanto o gênero quanto a tecnologia devem ser entendidos desde uma perspectiva construcionista consciente da natureza social, política e discursiva de ambos. Que ao redor das diferenças sexuais (das diferenças percebidas, seguindo Scott, 1995) se configuram campos de poder diferenciados, que estruturam a organização simbólica e material da vida. Advogamos por uma leitura não reducionista do conceito de gênero, abordando-o como uma forma cultural de classificação, um sistema socialmente consensual de distinções – porém, baseado na violência simbólica- e não uma descrição objetiva de traços biológicos (SCOTT, 1995, p. 72). Gênero aqui, não é sinônimo de mulheres, nem de mulheres e homens (gênero feminino, gênero masculino, reproduzindo as dicotomias que

realizando diferentes atividades para fomentar a participação deste grupo etário e a “inclusão à utilização das novas tecnologias”. Dentre os cursos oferecidos, nos focamos nas Oficinas de Informática, nível Inicial e nível II. A proposta não discrimina públicos por sexo mas este é integrado majoritariamente por mulheres aposentadas (apenas um homem participava do curso nível II), trabalhadoras, donas de casas, procedentes de bairros periféricos, muitas delas nucleadas ao redor de clubes de bairro e centros da terceira idade. As oficinas são ministradas na própria faculdade por alunos e professores da instituição, na cidade de La Plata, em forma gratuita. <http://www.perio.unlp.edu.ar/node/3483>

¹⁰ Do mesmo modo que o anterior, trata-se de um centro de extensão universitária com uma diversidade de atividades, a maioria delas pagas (mediante uma pequena taxa), localizado na cidade de Buenos Aires. As interlocutoras foram contatadas informalmente à saída dos cursos e as entrevistas realizadas individualmente. Neste caso, trata-se de mulheres aposentadas, alguma delas profissionais liberais, a maioria donas de casa. http://www.rojas.uba.ar/cursos/adultos_mayores/informatica.php

dizemos evitar). Gênero é uma categoria abstrata (e não um substantivo, menos um adjetivo) para explicar e desconstruir diferenciações baseadas nas percepções sociais sobre o sexo, o corpo, a cultura.

Evidentemente, estamos em interlocução – no devir da pesquisa - com uma multiplicidade de mulheres que tem em comum identificar-se como tais, serem adultas e maduras, iniciantes nas artes da internet e participantes de culturas latinas androcentristas e machistas, que lhes outorgam lugares e papéis familiares, culturais, políticos e sociais bem determinados. Fora disso, entre elas há multiplicidade de diferenciações e identidades criadas discursivamente que, necessariamente, se articulam – de formas singulares - ao gênero, tal como a raça, a origem geográfica, cultural, a orientação sexual, etc. e que funcionam como fatores de exclusão. Dai, a necessidade de uma abordagem interseccional (CRENSHAW, s/d) que articule as diferentes categorias de discriminação que interactivam em múltiplas e simultâneos níveis.

No mesmo movimento, assumimos um enfoque tecnofeminista (WAJCMAN, 2006) do entramado sociotécnico que propoe renegociar a aliança entre tecnologia e masculinidade, onde a tecnologia é, ao mesmo tempo, fonte e efeito das relações de gênero. Com Wajcman, entendemos que os efeitos dos arranjos de gênero no desenvolvimento da tecnologia apenas ficam em evidencia quando se explicita a masculinidade dos atores implicados em tal desenvolvimento (o que rara vez acontece, dada a naturalização da masculinização da ciência). De fato, poucos estudos tem focado no papel fundamental desempenhado pela tecnologia na produção de masculinidades hegemônicas.

Tomamos distancia das perspectivas que colocam as mulheres como vítimas passivas de conspirações tecnológicas, típicas dos discursos feministas da década dos 80, mas não ignoramos que as divisões sexuais formam parte das heterogêneas redes sociotécnicas. Entendemos o mundo social como uma co-produção de agentes humanos e tecnológicos, e as relações sociais, inextricavelmente fundidas no mundo material, onde todas as coisas do mundo são atores material-semióticos, cheios de significados (HARAWAY, 1995, p. 40). Neste cenário se da a apropriação de símbolos, práticas, objetos, estruturas, aparelhos, que geram mestizagens, hibridez e heterogeneidade.

Apropriações e usos

O conceito de apropriação é muito utilizado em campos diversos. Na filosofia, na sociologia, no direito, nas artes, na análise literária, na arquitetura e ultimamente, nas

políticas públicas. No campo da comunicação, o termo nos remete aos estudos de recepção e consumo de Martin-Barbero, Canclini e outros referentes dos estudos culturais latino-americanos. Neuman (2008) o descreve quatro condições para a apropriação: o ato intencional de quem se apropria (nem concessão nem imposição), a condição de alheio do objeto apropriado, a recepção ativa a partir de um código distinto mas próprio e a existência de uma outra episteme – que recodifica desde a sua otredade (NEUMAN, 2008, p.90). O tempo e as dinâmicas sociais de aprendizagem parecem ser fatores chaves na apropriação e estabilização dos usos da tecnologia nas rotinas diárias. Esta maneira de ver os usos supõe um desvio de qualquer pretensão determinista da tecnologia, pois as pessoas podem fazer usos imprevisíveis no jogo de “fazer seus”, se apropriar dos objetos. Nesse cenário, começamos a falar de apropriação das tecnologias como uma atividade social, cultural, econômica e política relevante, onde o uso das tecnologias se inscreve na vida social em geral, e na vida de algumas mulheres, em particular, com dinâmicas específicas e em condições diversas. Entendemos a apropriação como o processo pelo qual grupos subalternos interagem com a oferta cultural, econômica, institucional do sistema, dando novos sentidos, usos e objetivos a essa oferta, isto é, incorporando-as para a sua própria definição de mundo e que agem como mediações que lhes permitem, a esses grupos, manter seu próprio horizonte de compreensão do mundo (NEUMAN, 2008).

Subercaseaux (1989) propõe pensar na apropriação atentando não apenas à dimensão racional do pensamento, sino también à dimensão simbólico-expressiva, ao estilo, ao que se diz e como se diz, procurando um “enfoque más perceptivo a lo sensible, a lo híbrido, a los acoplamientos, a las ambigüedades, a los sincretismos, y a los rasgos y matices que se van configurando en el proceso de hacer propio lo ajeno (SUBERCASEAUX, 1989)”. Define a apropriação como aquilo que vira próprio, isto é, o que se contrapõe ao protético ou epidérmico, enquanto Proulx (2004, 2005) considera quatro condições para a apropriação social de uma tecnologia: a) o domínio técnico e cognitivo do artefato; b) a integração significativa do objeto técnico na prática cotidiana do/a usuário/a; c) o uso repetido desta tecnologia que possibilite a criação (de novas práticas ou usos) d) a participação dos/as usuários/as no estabelecimento de políticas públicas e nos processos de desenho e inovação industrial e comercial. Sem a incorporação das inovações ao processo de produção e ao desenho tecnológico, segundo Proulx, não haveria apropriação social senão apenas adoção, uso ou assimilação. Em palavras de Neuman (2008),

Semánticamente observamos que en el acto de apropiarse no se pasa por una concesión previa de lo apropiado ni es un acto inspirado por terceros. Esto se convierte en la primera manifestación de la apropiación: la autonomía de la acción. Apropiarse es un acto intencional del que se apropia. No es una concesión de terceros ni impuesto por terceros. Apropiarse es un acto dentro de la esfera de la subjetividad del que se apropia. Por eso, si la ejerce el dominado, el subalterno, el “otro”, es una iniciativa inalienable. Lo que se apropia le será desde ese momento propio, en el caso de la apropiación social a la que nos referimos aquí, más en significados, usos y propósitos que en el aspecto de la propiedad. (NEUMAN, 2008).

Desta abordagem de Neuman destacamos muito especialmente a percepção da outredad (alteridade) em sua dimensão epistemológica e discursiva. A questão do outré é central na teoria feminista, desde Simone de Beauvoir. De Michel de Certeau (1994) recuperamos os usos da tecnologia no cotidiano como uma arte de fazer e usar, isto é, artes de reinventar o cotidiano mediante formas sutis e corriqueiras - táticas, no dizer do francês - para lidar com a oferta das indústrias culturais e da tecnologia. As táticas dos usuários e usuárias podem ser reapropriadas e subvertidas por eles. A dimensão do cotidiano no processo de apropriação parece central. O cotidiano como contextualização e textualização do apropriado e no ato da apropriação, como lugar onde se levam a cabo as estratégias organizativas para enfrentar a vida do dia-a-dia, a re-produção social e a reprodução dos próprios sujeitos. Esta consideração é central para repensar a abordagem metodológica: como apreciar, interpretar e mensurar a autonomia de ação das experiências dxs outrxs, dxs marginadxs da ciência e tecnologia, das mulheres e dxs outrxs desempoderados? Como avaliar o nível de apropriação das TIC pelas pessoas participantes em nossa pesquisa, muitas delas, mulheres negras, empregadas domésticas, donas de casa, mulheres idosas, isto é pessoas subalternizadas pela raça, cor, classe social, escolaridade, que não possuem os recursos simbólicos esperados como usuárixs modelo?

Durante as oficinas presenciamos situações de tédio, distração e também de orgulho dos aprendizados. A prática laboratorial com presença apenas de mulheres (docentes e discentes) ao parecer contribuía a um clima de parceria e não competitividade; permitia a desinibição e a problematização dos saberes e não-saberes de uma forma cooperativa.

Vai ser importante [a oficina] para ler os contato, quando a gente precisa mandar pra mim, principalmente minhas irmãs que mora fora e precisa mandar pra mim. E na hora de abrir os e-mail tenho que pedir as pessoas... se é particular, hoje em dia não preciso mais. Eu aprendi a abrir agora. Eu vou ler vários e-mails (B, feirante, da oficina Iniciação à Cultura Digital)

Agora eu tô feliz porque é eu queria tanto aprender fazer um e-mail e também é entrar em contato com outras pessoas de outros lugares e não podia... agora eu sei fazer um e-mail; agora vou mandar pra onde eu quiser (D. do Sindomésticos, da oficina de Iniciação á Cultura Digital)

Aqui entra em jogo o potencial teórico do conceito de “saberes localizados” (*situated knowledges*), desenvolvido por Haraway em seu texto “Saberes Localizados, a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial” (1995), do que nos apropriamos para entender nossas práticas investigativas e as práticas e experiências das mulheres adultas com as TICs, seus processos e tentativas de fazer próprias as máquinas da comunicação e seus signos.

Saberes situados, conhecimentos parciais

“O feminismo ama outra ciência: a ciência e a política da interpretação, da tradução, do gaguejar e do parcialmente compreendido” (Haraway)

No marco do debate entre relativismo e construcionismo social, o questionamento da noção de objetividade da ciência e da neutralidade dos sujeitos-investigadores-investigados, Haraway reafirma a estratégia da parcialidade, dos conhecimentos situados, dos saberes locais e das subjetividades encarnadas. A objetividade das ciências normais, diz, é apenas um ponto de vista não assumido. No cerne da crítica à ciência “normal” ou hegemônica (e a algumas abordagens da epistemologia feminista) e ao androcentrismo¹¹ na ciência, os saberes localizados adquirem estatuto de saber objetivo. “Na política e na epistemologia das perspectivas parciais que está a possibilidade de uma avaliação crítica objetiva, firme e racional”, afirma Haraway ou de uma “objetividade forte”, em palavras de Harding (1996). A autora não nega a objetividade do saber científico senão que corporiza e politiza o sujeito-pesquisador, que deve ser responsável pelos seus atos de conhecer e ciente de que toda perspectiva é, necessariamente, parcial, contextual e posicionada. “Não perseguimos a parcialidade em si mesma, mas pelas possibilidades de conexões e aberturas inesperadas que o conhecimento situado oferece” diz Haraway (1995, p. 33). Nesse quadro emergem os feminismos localizados (feminismos negros, lésbicos, *queer*) implodindo uma série de categorias tidas como autocontidas, imutáveis. “Es una epistemología que reconoce

¹¹ Androcentrismo é um termo que designa uma prática consciente ou não de dar às experiências masculinas ou ao ponto de vista masculino, uma posição central na própria visão de mundo (de homens ou mulheres). Expressa-se de forma mais evidente na linguagem, no uso do masculino como genérico. E também, na suposição automática e corriqueira de que todo sobrenome de autor de livro (particularmente, livro científico) é homem.

la realidad de las experiencias de las personas y de su permeabilidad al poder, aunque también admite la especificidad de cada una, incluyendo la suya propia”, comenta Arditi (1995, p.15)

Haraway utiliza-se da metáfora da visão (do olho que vê, da vontade de saber) para, por um lado, resgatar a sua natureza corpórea e particular como sistema sensorial, à vez que critica a distância do olhar do objeto olhado. O olho é agente ativo implicado na produção do real que vê.

Como ver? De onde ver? Quais os limites da visão? Ver para quê? Ver com quem? Quem deve ter mais do que um ponto de vista? Nos olhos de quem se joga areia? Quem usa viseiras? Quem interpreta o campo visual? Qual outro poder sensorial desejamos cultivar, além da visão? (HARAWAY , p.28)

Os saberes localizados recuperam as experiências corporais, subjetivas, contingentes, excluídas da razão instrumental contida na noção de “inclusão digital”. Saberes localizados interpelam a experiência, o corpo, o tempo e o espaço do outro. “São propostas a respeito da vida das pessoas; a visão desde um corpo, sempre um corpo complexo, contraditório, estruturante e estruturado, versus a visão de cima, de lugar nenhum, do simplismo”, afirma (p.30). Fazer ciência da experiência pessoal, da subjetividade, do emocional, do corporal, do parcial. Pensar saberes localizados pode nos permitir reconhecer uma outra episteme, outros horizontes de compreensão do mundo (NEUMAN, 2008) a partir de experiências situadas, diversas, contraditórias, divergentes, praticadas por essas mulheres de setores populares que são nosso “outro”.

Gordano (2009, p.33) utiliza o termo “outro digital” para se referir aos subordinados em relações de poder cuja “outredade” corporizada reverbera no acesso e apropriação de TIC. São os que não possuem os recursos materiais nem simbólicos para ocupar o lugar de “usuário modelo”. Assim como há uma narrativa hegemônica sobre a tecnologia como forma, expressão e reflexo da objetividade científica, como cristalização material de um conhecimento racional, universal, objetivo, sempre evolutivo, não há também uma narrativa hegemônica dos usos desejados e possíveis das TIC, das apropriações esperadas?

Nesse relato, as máquinas estariam modeladas para um “usuário modelo”: homem branco, ocidental, com total domínio corporal e cognitivo e tempo para usar, brincar e aprender. Muitas das mulheres participantes do LabDebug, em Salvador, participantes desta pesquisa, são mulheres negras, trabalhadoras manuais, que apenas sabiam lidar com as artes

da escrita. Nas mulheres mais inexperientes com TIC, muita energia e vontade se esgotava no esforço em aprender a usar um *mouse*. O *mouse* é uma importante interface entre uma PC e uma pessoa e exige umas capacidades motoras e sensoriais finas, que estas mulheres que trabalham rudes com suas mãos nem sempre têm. Boas “pras contas” – como elas diziam e ruins “pra escrever”. Digitar umas palavras, abrir um navegador, escrever um texto simples parece ser uma tarefa de ciclópica para estas mulheres fortes, que trabalham 12 hora por dia e ainda reservavam umas horas para assistir aos cursos.

-Não sei! Era pra botar mais de sete letras eu botei seis, oh meu Deus, que loucura! Mas consegui entrar no e-mail. E aí, agora? Não sei...oh burrice!!!! Eu devia ter botado mais duas letras!!!

-Não tem problema, é não passar pra....ninguém. Me diz aí seu endereço de e-mail.

... (silêncio)

-Ei!, eu preciso do seu endereço de e-mail para eu te mandar um e-mail!

... (silêncio)

Ei! O endereço pode! O que não pode é a senha!!(gargalhada geral)

(E. ,feirante, na Oficina de Iniciação à Cultura Digital)

De que outras formas o cotidiano das mulheres e suas temporalidades contribuem à outredade digital? Quase todas as mulheres participantes reclamaram do que consideraram um tempo escasso das oficinas. Isto foi mais claro nas mulheres com menores recursos simbólicos e materiais que, em desvantagem evidente, precisam de maior dedicação. O maior obstáculo destas mulheres, além dos recursos econômicos, está nos horários, o tempo e na dupla jornada de trabalho que sofrem: os horários deviam ser adequados às necessidades complexas destas mulheres, que devem atender seu trabalho e a vida doméstica, os filhos, maridos, enfim, o ciclo de produção e reprodução da força de trabalho no lar. As sindicalizadas, além de tudo isso, partilham tarefas na instituição, pelo que o tempo é um bem escasso demais. Quando pesquisa-se sobre desigualdades de gênero, o tempo é uma categoria central, pois homens e mulheres o ocupam de formas muito diferentes e é no cotidiano quando seu valor aparece mais. E no uso das TIC, lazer, trabalho e descanso se misturam de forma muito particular, em função dos arranjos de gênero na família.

Onde mais adquire valor a temporalidade da vida diária é na desigual distribuição das tarefas domésticas, trabalho não assalariado e sem valor social que limita seriamente as possibilidades de desenvolver-se tanto no plano pessoal como profissional. De acordo com pesquisa do Instituto Data Popular em Parceria com o Instituto Patrícia Galvão (2013), 7 de cada 10 mulheres sentem que falta tempo no seu dia a dia, especialmente para cuidar de si

enquanto 98% assume sozinha o cuidado da casa e dos filhos. 78% afirmam não ter ajuda masculina no lar e 35% trabalham mais do que a jornada formal de trabalho. Dados do IBGE (2007), indicam que as brasileiras consomem 27 horas por semana com trabalhos domésticos, enquanto a média de tempo para os homens é de 10 horas semanais. Murillo (2006) faz a distinção entre tempo privado e doméstico, para diferenciar seus usos entre homens e mulheres. Em se tratando de tempo próprio, íntimo, pessoal, fala de tempo privado; quando se refere ao tempo dos cuidados dos outros, fala de tempo doméstico. O tempo íntimo, do eu, dos cuidados de si, confunde-se, nas falas das mulheres, com o tempo doméstico. As temporalidades se articulam diretamente com o poder. A final, o que seria para essas mulheres participantes do nosso estudio um uso analítico, criativo, produtivo da internet? Que valores estão em jogo quando olhamos para essas populações? Que noção de outredade está em questão? Que conhecimentos situados seremos capazes de apreender?

Referências bibliográficas

- ALONSO, Ana Polo. La comunicación como arma de desarrollo? Una mirada desde el punto de vista de las mujeres. In: MARCESSE, Silvia Chocarro (Coord.) Nosotras en el país de las comunicaciones. Mirada de Mujeres. Barcelona: Icaria editorial/ACSUR-LAS SEGOVIAS, 2007. p.161-175.
- BRASIL. Comitê Gestor da Internet. **TIC Domicílios e Empresas 2011**. Pesquisa sobre uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil, 2011. Disponível em <http://www.cetic.br/usuarios/tic/index.htm> Acesso em 21/7/2014.
- BUTLER, Judith. **El género en disputa: El feminismo y la subversión de la identidad**. México: Paidós, 2001.
- CASTAÑO, Cecilia (Dir.) **La Segunda Brecha Digital**. Madrid: Cátedra/PUV, 2008.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petropolis: Vozes, 1994.
- CRENSHAW, Kimberle. A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero. (Xerox, s/d) Disponível em <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf> Acesso em 21/7/2014.
- CROVI DRUETTA, Delia. Dimensión social del acceso, uso y apropiación de las TIC. **Contratexto Digital**. Año 5, N° 6. Disponível em <http://www.fba.unlp.edu.ar/tic/archivos/M12.pdf> Acesso em 20/7/2014.
- _____ **Diagnóstico acerca del acceso, uso y apropiación de las TIC en la UNAM**. Anuario Ininco v.20, n.1, p. 79-96, Caracas, jun. 2008. Disponível em <http://octavioislas.files.wordpress.com/2011/03/anuario-ininco-vol20-nc2b01-2008-completo-tema-central-tic-identidad-y-apropiacic3b3n-social.pdf> Acesso em 21/7/2014.
- GORDANO, Cecilia. Construyendo sentido sobre internet en el espacio de la diáspora: mujeres latinas inmigrantes en Granada. **Feminismo/s** 14, diciembre 2009, pp. 143-162.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. In: **cadernos Pagú** n. 5, 1995, p. 07-41.
- HARDING, Sandra. **Ciencia y Feminismo**. Madrid: Morata, 1996.

- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **PNAD, 2007**.
<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2007/> Acesso em 20/7/2014
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores de 2011**. Disponível em
ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_anual/2011/Sintese_Indicadores/comentarios2011.pdf Acesso em 20/7/2014.
- INSTITUTO DATA POPULAR/INSTITUTO PATRICIA GALVAO. **Trabalho remunerado – trabalho domestico, uma tensão permanente**. 2013.
<http://agenciapatriciagalvao.org.br/pesquisa/?page=sobre-a-pesquisa> Acesso em 20/7/2014
- MEXICO. Instituto Nacional de las Mujeres. **En que usan el tiempo las mujeres y los hombres de México?**. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/182947085/100795> Acesso em 20/7/2014
- MURILLO, Soledad. **El mito de la vida privada**. De la entrega al tiempo próprio. Madrid: Siglo XXI, 2006.
- NEUMAN, María Isabel. Construcción de la categoría “apropiación social”. **Quórum Académico**, Vol. 5, n.2, julio-dic 2008, pp. 67-98, Universidad del Zulia, Venezuela, 2008.
- PROULX, Serge **Penser les usages des technologies de l'information aujourd'hui: enjeux, modèles, tendances**. 2005. Disponível em <http://sergeproulx.uqam.ca/wp-content/uploads/2010/12/2005-proulx-penser-les-usa-43.pdf> Acesso em 18/7/2014
- PROULX, Serge. **La Révolution Internet en question** Québec: Québec Amérique, 2004.
- PROULX, Serge. **Usages des technologies d'information et de communication: reconsidérer le champ d'étude ?** In:
http://www.er.uqam.ca/nobel/grmnob/drupal5.1/static/textes/proulx_SFSIC2001.pdf Acesso em 19/7/2014.
- SABANES PLOU, Dafne. novos cenários, velhas práticas de dominação: a violência contra as mulheres na era digital. In: Internet em código feminino. Teorias e práticas. Buenos Aires: La Crujía, 2013, p. 121-135.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e Realidade**, n.20, v.2, jul.-dez. 1995. p. 71-99.
- SUBERCASEAUX, Bernardo. Reproducción y Apropiación: Dos modelos para enfocar el dialogo intercultural. **Diálogos de la Comunicación** No. 23- Perú, Felafacs, 1989. Disponível em http://www.dialogosfelafacs.net/79/dialogos_epoca23.php Acesso em 20/7/2014.
- UNWOMEN, United Nations Entity for Gender Equality and the Empowerment of Women. 2010. Disponível em http://www.unifem.org/attachments/products/AnnualReport_2009-2010_en.pdf Acesso em 20/7/2014.
- WAJCMAN, Judy. **El tecnofeminismo**. Madrid: Cátedra, 2006.